

Da pausa.

VILÉM FLUSSER

Imaginem, por um instante, a cosmovisão setecentista. Não é difícil fazê-lo. A grande maioria dos nossos contemporâneos ainda concebe a realidade à maneira do iluminismo. O difícil é tentar imaginar a cosmovisão do século vinte. Pois bem: para os iluministas a realidade é explicada com facilidade. É uma máquina inerte. Que significa "inerte"? Não se cansa. Funciona sem pausa e sem descanso. A inércia é a explicação da máquina chamada "realidade". A lei da inércia resa aproximadamente: 'Todo corpo mantém um movimento uniforme retilíneo, a menos que forças externas modifiquem o seu movimento'. É verdade que a lei mencionada fala também em 'imobilidade mantida'. Mas é óbvio que a imobilidade é um caso especial de movimento uniforme. A realidade é explicada pela manutenção uniforme de movimento. Em outras palavras: o movimento é a explicação, e não precisa ser explicado. O problema a ser explicado é a alteração do movimento. Esta é, "in nuce", a cosmovisão iluminista.

Sabemos de cosmovisões diferentes, por exemplo da grega. Para ela é o próprio movimento, (e não a sua alteração), que pede para ser explicado. Isto porque para este tipo de cosmovisão a realidade não é inerte. Não funciona sem pausa. É uma realidade sujeita ao cansaço. Nela os movimentos se gastam. Iniciado um movimento, este tende a desgastar-se. Tende para um estágio de calma e repouso. O problema é, (em cosmovisões deste tipo), o de explicar como o movimento se inicia. É o problema aristotélico do primeiro móvel. Em suma: uma realidade inerte pode ser explicada sem móvel e sem motivo; uma realidade sujeita ao cansaço exige, para ser explicada, que lhe apontemos o motivo.

A nossa é uma cosmovisão do segundo tipo. Concebemos a realidade como articulada por pausas. Os processos da nossa realidade se gastam. Demandam o repouso. "A morte". Para podermos explicar a nossa realidade, devemos poder apontar motivos. Estamos todos, de uma forma ou outra, empenhados em busca um tanto desesperada de motivos.

Que pretendo dizer se digo que a realidade é articulada por pausas? Pretendo dizer que tenho uma visão epocal da realidade. Uma visão que distingue épocas da realidade. Época, (em grego "epoché"), é sinónimo de pausa. Significa ponto de repouso. Significa o momento de retenção e suspensão do movimento. Significa abstinência. O termo "época" é fundamental para a compreensão do pensamento helenista. A cosmovisão estóica é fruto de uma atitude epocal, de abstinência portanto. A "skepsis" de um Sextus Empiricus é a abstinência, a suspensão epocal de todo juízo. O pensamento helenista marca uma época, uma pausa, no movimento do pensamento humano. Nele o pensamento humano retém a respiração para o repouso. Também o pensamento atual é uma retenção de respiração, e conosco começa uma época nova. Existimos em pausa.

Uma das filosofias que mais nos caracterizam é a fenomenologia. Mais que explicação da realidade, é ela um método para a visualização da realidade. Em que consiste esse método tão nosso? Na pausa. Na retenção da respiração, na abstinência, na suspensão de juízos. No "deixar como está para ver como fica". Ou, mais extatamente: o método fenomenológico parte da época, isto é da decisão de

VILÉM FLUSSER

suspender todos os conhecimentos que se acumularam em torno de um determinado objeto no curso da história do pensamento. Essa suspensão dos conhecimentos, esse "pôr entre parênteses do conhecimento para referência futura", pretende abrir o caminho para a visão do objeto mesmo. Pretende permitir que o objeto se revele na visão essencial criada pela pausa. A pausa, a época, como ponto de partida do método fenomenológico é a superação do historicismo. Na fenomenologia a história descansa. Está superado o pensamento histórico, o pensamento inerte. Estamos de respiração cortada.

Não sei de uma caracterização melhor do clima no qual existimos. Respiração cortada. Pausa, mas: que pausa? Certamente não de repouso. Não se repousa com respiração cortada. A nossa é uma pausa depois da tormenta e antes da tormenta. Podemos falar da tormenta passada. Sabemos a respeito dela: é a história como movimento. As duas guerras mundiais, os campos de concentração nazistas, a progressiva libertação dos instrumentos do controle humano, a massificação da humanidade com a sua conseqüente programabilidade, estes são alguns dos aspectos da tormenta passada. E está passada essa tormenta, porque o seu movimento já não nos interessa. Já não estamos mais empenhados no seu movimento. Desgastou-se pela retirada do nosso interesse. Está esvaziado existencialmente. Por mera inércia ainda se propaga. Mas é como se se passasse alhures. O fato de estar passada a tormenta é responsável pelo clima de tédio que caracteriza a nossa pausa.

Mas da tormenta que se prepara não podemos falar significativamente. Ignoramos tudo a respeito dela. Sentimos apenas, pesadamente, o acumular das suas nuvens negras no nosso horizonte. Sabemos, no entanto, o que a nova tormenta não será: não será história no significado tradicional desse termo. Porque se fosse história, a nossa situação não seria de pausa. Seria apenas uma fase no processo do movimento. A nossa vivência desmente essa possibilidade. Somos post-históricos, os da atualidade. Como compreender isto? Como compreender a não-história, já que somos seres que pensam ainda historicamente? Talvez, paradoxalmente, pelo recurso a uma situação histórica semelhante.

O pensamento helenista marca uma pausa. A humanidade retém a respiração estoicamente e ceticamente, cínicamente e epicurísticamente, enquanto se prepara, alhures, a irrupção de uma nova realidade. O cristianismo. O helenismo é uma pausa suspensa no vácuo e no abismo entre duas realidades. Entre a realidade orgânica, fechada e circular dos antigos, realizada no Império romano. E entre a realidade dinâmica, aberta e histórica do cristianismo. A primeira realidade já não interessa. A segunda realidade não pode ser intuída. Os helenistas ainda pensam à maneira antiga. Não podem portanto intuir o cristianismo. Mas já estão desinteressados na realidade antiga. Daí o seu ceticismo e cinismo, daí o seu estoicismo e epicurismo tão semelhantes ao nosso existencialismo. Não seria a contemplação do helenismo elucidativa da situação nossa?

Estamos suspensos no vácuo e no abismo entre duas realidades. Esta a nossa pausa. Às nossas costas a realidade dinâmica, aberta e histórica do cristianismo. Não nos interessa. Mas continuamos pensando historicamente. Não podemos intu

VILÉM FLUSSER

ir a outra realidade, a que se esconde no outro lado do nosso abismo. Não podemos sequer intuir que existe. Talvez o abismo se estenda até o infinito? Talvez seja a nossa pausa o equivalente do inferno? Não podemos crê-lo. Deve haver uma outra realidade. Deve havê-la, porque deve haver motivo. Senão, como se pôs em movimento a realidade passada e ultrapassada? A procura pela nova realidade é pois a procura pelo motivo. Isto é a nossa pausa: suspensão e retenção para procurarmos motivos.

O tédio que nos caracteriza é sintoma da superação de uma realidade. Mas o tédio é compensado pela expectativa. Esperamos por algo novo que surja no outro lado do nosso abismo. Vivemos no tédio, mas vivemos também na esperança. Somos seres em pausa. As paredes, os muros, os valos de duas realidades fecham, angustiantes, os nossos horizontes. Somos intervalares. Mas o intervalo no qual estamos é o nosso desafio. Aceitemos a pausa que somos.